



A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA E ARQUITETÔNICA DA MATRIZ BASÍLICA VELHA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO APARECIDA

Gabriele Bianca Conde Silveira

Arquiteta pelo UNIFATEA/Lorena



RESUMO:

Nos 300 anos de trajetória, desde a aparição da imagem de Nossa Senhora da Conceição até os dias atuais, aconteceram profundas transformações no Brasil e em sua arquitetura. Com a descoberta do ouro nas regiões das Minas, essa localidade passou a servir como rota, ligando São Paulo a Minas Gerais e Rio de Janeiro. Muitos povoados surgiram para abrigar e dar suporte aos homens que ali permaneceram. Dentre eles, o da Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá ao redor da igreja de Santo Antônio de Pádua em 1630. Foi esse pedaço de chão que recebeu Dom Pedro de Alcântara Portugal, futuro Conde de Assumar, o que levou três pescadores a saírem pelo Rio Paraíba do Sul a pescar o que mais tarde perceberam ser a decapitada Imagem de Nossa Senhora da Conceição, trazendo consigo inúmeros peixes, o que não era comum naqueles meses. Para abrigar a pequena imagem surgiram as capelas, primeiro às margens do Rio Paraíba e da Estrada Real, fato que colaborou com o crescimento de sua popularidade, depois no morro dos coqueiros, onde, apesar das inúmeras transformações, se localiza até os dias de hoje. Em 1877, chega em Aparecida Dom Joaquim de Monte Carmelo, que ergueu hoje a conhecida como "Basílica Velha". De caráter barroco (apesar do predomínio de outros estilos), a igreja tem como destaque principal o retábulo de mármore italiano, além de conferir ao seu redor o que hoje é conhecido como município de Aparecida.



PALAVRAS-CHAVE:

História da Arquitetura; Arquitetura; Igreja Barroca; Matriz Basílica Velha de Nossa Senhora da Conceição.

ABSTRACT:

Abstract: 300 years of trajetória, from to aparição da imagem of Nossa Senhora da Conceição até os dias atuais, momentous transformações no Brasil e em sua arquitetura occurred. Coming from the regions of Minas Gerais, this locality will serve as a rota, linking São Paulo to Minas Gerais and Rio de Janeiro. Muito povoados surgiram to shelter and give support to homens that ali quedaram. Dentre eles, or from Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá ao redor da igreja de Santo Antônio de Pádua in 1630. Foi esse pedaço de chão that recebeu Dom Pedro de Alcântara Portugal, future Count of Assumar, or who levou three fishermen to saírem hair Rio Paraíba do Sul to fish or that later on we will be beheaded Imagem of Nossa Senhora da Conceição, tracing with us many peixes, or what was not comum naqueles months. To shelter a small image, the capels will emerge, first margins of Rio Paraíba and Estrada Real, fato that will collaborate as a crescimento de sua popularidade, depois no morro dos coqueiros, onde, despite innumerable transformations, it is located at the end of the day . Em 1877, chega em Aparecida Dom Joaquim of Monte Carmelo, that ergueu hoje a conhecida as "Basilica Velha". Of Baroque character (in spite of the predominance of other styles), it is tempered as the main highlight or retreat of Italian marmore, além of conferring ao seo redor or that it looks like a municipality of Aparecida.

KEYWORDS:

History of Architecture; Architecture; Baroque Church; Old Basilica of Our Lady of Conception.

1. GUARATINGUETÁ

O povoado que daria início à Vila de Guaratinguetá surgiu em 1628 com a doação de terras a Jacques Felix, conforme cita o livro do tombo da Matriz de Santo Antônio, sendo erguida, ainda como capela de pau a pique e sapé, sob a invocação de Santo Antônio de Pádua, fixando assim, na data de 13 de junho de 1630, como prelúdio de seu povoado.

Como era de praxe, o povoado se desenvolveu em torno da capela, e em 13 de fevereiro de 1651, por intermédio do Capitão Domingos Leme, foi elevado à Vila, sendo assim a segunda do Vale do Paraíba. Era tortuosa, modesta e extremamente religiosa, vivia da economia de subsistência e por ser um importante ponto de passagem para Minas Gerais, também era o principal ponto de abastecimento para os sertões mineiros.

Nas primeiras décadas do século XVIII, a vila se desenvolve politicamente, economicamente e socialmente, por conta do crescimento do café. Assim, em 1884 é elevada à cidade, e em 1852 à comarca.

2. OS PRIMÓDIOS DE APARECIDA

A região que seria mais tarde batizada como “capela da Aparecida”, a presente cidade de Aparecida, berço do objeto de estudo em questão, pertencia à Vila de Guaratinguetá, atual cidade de Guaratinguetá.

A Vila de Guaratinguetá, ao longo dos anos, desenvolveu-se por meio da economia de subsistência, comércio, exportação da cana, algodão, arroz, fumo e, posteriormente, café, que em 1876, atingiu o auge exportando



300.000 arrobas (Ecos Marianos, 1929). Como de costume, os povoados da região se desenvolviam às margens do Rio Paraíba do Sul, fazendo com que uma parte da população se dedicasse à pesca. É com essa última informação, que se volta ao ano de 1717.

A Província de São Paulo e das Minas de Ouro, que até então era governada por D. Braz Balthazar da Silveira, passaria por disposição da metrópole para a governança de D. Pedro de Almeida Portugal, que teria duas principais missões nessas terras: aumentar a arrecadação de ouro, findando seu extravio, e colocar ordem nos moradores “desordeiros” das duas províncias – cujos territórios eram de amplas dimensões (atualmente compreendem os Estados de Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás).

3. VIAGEM ÀS PROVÍNCIAS DE SÃO PAULO E MINAS DE OURO

D. Pedro de Almeida Portugal chegou à Capitania de São Paulo e tomou posse do cargo de governador, no entanto a passagem por São Paulo foi apenas uma “pequena” permanência em direção à Vila Rica (atual Ouro Preto), onde governaria com mãos de ferro, direcionando todo foco no ouro e no enriquecimento do rei de Portugal, pois foi para isso que ele foi designado para vir ao Brasil, assim, em 27 de setembro de 1717, parte pelo interior paulista em direção a Minas.

Ficou seis noites na Vila de Taubaté, que até então era mais populosa que São Paulo, e após uma breve passagem por Pindamonhangaba, ele segue em direção à Vila de Guaratinguetá, onde o Senado da Câmara pretendia homenagear o governador com um farto banquete.

E é nas terras do poderoso senhor de Engenho José Correa Leite, que três pescadores saem em direção ao Rio Paraíba do Sul, não conseguindo peixe algum, até tirarem do Rio preso à rede, o corpo e a cabeça de Nossa Senhora da Conceição, e que após o episódio narrado, que será tratado mais adiante, se far-

tam com a abundância de peixes para o banquete de Dom Portugal, o qual nunca soube do fato ocorrido (Alvarez, 2014).

3.1 A PESCA MILAGROSA E A IMAGEM DECAPITADA

A ordem vinda do Senado da Câmara, de acordo com Alvarez (2014), era clara: “Apresentar todo o peixe que pudesse haver para o dito governador” (p.104).

Dentre muitos pescadores moradores da Vila de Guaratinguetá e região, Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso se destacaram por meio dos fatos que serão expostos a seguir.

Partiram de um porto particular, na vizinha Vila de Pindamonhangaba, pertencente à fazenda de José Correia Leite e percorreram, como preconiza Alvarez (2014), cerca de 5 km até o Porto Itaguaçu, na Vila de Guaratinguetá, sem encontrar peixe algum.

João Alves, ao jogar a rede, observou que o corpo de uma imagem de barro ficara presa no aparato: ele retirou a escultura e a colocou no barco. Mais adiante, percebeu que a cabeça da imagem também havia ficado presa na rede e, ao juntar as duas partes, João percebeu se tratar de Nossa Senhora da Conceição, aquela que o rei Dom João IV, havia decretado padroeira de Portugal e senhora de todos os reinos do país, após ter restaurado a independência em 1640, depois de 60 anos de domínio espanhol. O rei, extremamente religioso, dedicou a vitória a Nossa Senhora:

Eram ordens do rei com carimbo do papa e entrava em vigor imediatamente para todos os habitantes dos domínios portugueses. E se o dono de terra queria que sua fé fosse seguida pelos vassallos brasileiros, seus emissários trabalhavam para garantir que a colônia tivesse muitas Nossas Senhoras de barro, de madeira, e sempre que possível, banhada a ouro. (Alvarez, 2014, p. 82).



Figura 01: Imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, encontrada pelos três pescadores no Rio Paraíba do Sul.
Fonte: Alvarez (2014, s.p)

O fato é que, após a retirada da imagem decapitada do Rio Paraíba, aquilo que não havia indício nenhum de ser uma pescaria promissora passou a ser mais que uma simples atividade, e o Rio se encheu de peixes, tornando-se esse o primeiro milagre de Nossa Senhora da Conceição Aparecida de acordo com Ecos Marianos (1929).

O pescador que achou a imagem entregou-a para Felipe Pedroso, que por sua vez conservou em sua casa no Alto da Boa Vista, e posteriormente no bairro da Ponte Alta, cultuando-a sem muitos fiéis até confiá-la a seu filho Atanásio Pedroso.

4. OS PRIMEIROS ORATÓRIOS

Foi por volta de 1723 que Atanásio, muito próximo ao Porto Itaguaçu (onde havia achado a imagem), “construiu um altar de

madeira e um oratório para abrigar a escultura” (Alvarez, 2014, p.112), próximo à Estrada Real que servia de passagem a quem transitava entre a capitania de São Paulo e as Minas de Ouro, sendo este um dos fatores que fizeram a Santa ficar conhecida, fazendo com que houvesse a necessidade de um local maior para abrigar os inúmeros peregrinos e curiosos que queriam ver de perto a famosa Santa. Por conta disso, Atanásio construiu uma nova capela em um lugar chamado de Ponte Alta.

A notícia da imagem chega até o padre José Alves Vilela, que comandava a Igreja de Santo Antônio de Guaratinguetá.

Dessa forma, como discorre Ecos Mariano (1937), o padre visitou o oratório rudimentar do filho do pescador e percebeu a falta das condições para o culto ao público. Sendo assim, com ajuda dos devotos e sem comunicar aos seus superiores, construiu uma capelinha maior de pau a pique. Lá, a imagem ficou sob o comando do padre Antonio Bicudo de Siqueira e seu sucessor o padre Félix Sanches Barreto.

Após a saída do último padre citado e percebendo que o número de fiéis crescia ano a ano, Padre Vilella, em 1743, levou os fatos até o bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei João da Cruz, pois segundo Ecos Mariano (1937), ainda não existia o bispado de São Paulo, pedindo autorização para a construção de uma nova capela:

Diz o padre José Alves Vilella, vigário da igreja de Santo Antônio de Guaratinguetá e os mais devotos de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que pelos muitos milagres que tem feito a dita Senhora da Conceição a todos aqueles moradores, desejam erigir uma capela com o título da mesma Senhora da Conceição Aparecida, no distrito da dita freguesia, em lugar decente e público, por concorrerem muitos romeiros a visitar a dita senhora que se acha até agora em lugar pouco decente (Ecos Marianos, 1937).

No dia 05 de maio do mesmo ano, a igreja católica, por intermédio do bispado do Rio de Janeiro, não apenas autorizou a capela, mas também reconheceu a existência da primeira santa de barro brasileira. Contudo, o bispo exigiu, conforme as regras do regime do Padroado (Brustoloni, 1979), que o padre Vilella designasse a nova localidade para a capela, que a construção não fosse de pau a pique e sim de material durável, que seu patrimônio fosse constituído, que houvesse visitas do próprio vigário e que o terreno fosse cedido à igreja sem custos. Desse modo, três moradores da então Vila de Guaratinguetá doaram três terrenos vizinhos que juntos formavam o Morro dos Coqueiros.

No dia 26 de julho de 1745, inaugurou-se a capela com uma missa festiva presidida pelo padre. O altar mor possuía um retábulo em madeira talhada (que foi substituído posteriormente por outro com maiores detalhes artísticos), onde se instalou a imagem achada nas águas, pintados com tinta dourada, com dois altares colaterais: um abrigava Sant'Ana e o outro menino Jesus (tanto o teto quanto os altares eram pintados). O espaço foi todo forrado, com o chão de assoalho de madeira, com campas, coro, dois púlpitos, corredores assobradados, uma torre, duas sacristias pintadas e uma sala chamada de “quarto dos milagres”, onde os devotos deixavam objetos como forma de agradecimento pela graça recebida. Toda a capela possuía aproximadamente sete por dezesseis metros, e debaixo do piso emmadeirado, ficavam os túmulos dos principais benfeitores.

A igreja possuía três naves, sendo suas laterais com tribunas superiores e com pequenos corredores, e compartimentos que se chamavam “casas”. No andar superior se localizava a sala de reuniões dos membros da mesa administrativa e da Irmandade de Nossa Senhora Aparecida - consistorio. De cada lado do presbitério existiam as “vias-sacras”, que nada mais eram que pequenas salas que ligavam-se à capela-mor, sacristia, e escadas que, por sua vez, ligavam o térreo ao andar superior (Brus-

toloni,1979). A construção era considerada simples, como a maioria das igrejas de São Paulo na época, como preconiza Saia (1972) “[...] as características do século XVIII [...], período de formação nacional, tempo em que os acontecimentos levaram a região paulista a ter um comparecimento discreto no cenário brasileiro” (p.17), se diferenciando então das igrejas mineiras e cariocas com suas majestosas arquiteturas.

A partir de 1760, houve a primeira reforma: com a ampliação e a reconstrução da fachada, recebendo duas novas torres, altar e retábulo. A taipa foi substituída por alvenaria. Vale ressaltar que a rua que dava acesso à capela calçou-se com cantaria no ano de 1834, denominada Rua da Calçada, atual Rua Monte Carmelo.

4.1 A CONSTRUÇÃO DA MATRIZ BASÍLICA E O FREI JOAQUIM DE MONTE CARMELO

Em 1845, um século após a construção da primeira igreja no alto do Morro dos Coqueiros e já com o título de Igreja Matriz, teve início pelas mãos do mestre de obra “Zé” Mello, com o dinheiro liberado pelos funcionários do imperador que eram responsáveis pelo cofre da igreja, as obras para reforma da torre que demorou 14 anos para ser executada. No mesmo ano de 1859, um novo mestre foi contratado, com o intuito de colocar uma esfera metálica no alto, um galo e uma cruz. Por conta das reclamações decorrentes pela demora das obras, resolveram liberar recursos financeiros para a reforma, a segunda torre também ficaria pronta em 1863.

Em 1877, no ano em que foi inaugurada a estação ferroviária a menos de 1 km de distância da igreja, aumentando assim ainda mais o número de visitantes, chega em Aparecida o frei Joaquim do Monte Carmelo.

Ainda jovem, Carmelo entrou para o Mosteiro de São Bento em Salvador onde, como em outros lugares que veio a frequentar posteriormente, não durou muito,

por conta de seus escritos “que desafiavam a doutrina da igreja e incomodavam os bispos” (Alvarez, 2014, p.144). Em 1843, após um pedido feito ao imperador Dom Pedro II, torna-se padre secular, não se ligando mais a nenhuma Ordem. Anos mais tarde, já em São Paulo, obteve o cargo de cônego da Catedral da Sé, até a sua suspensão em 1876, quando foi proibido de fazer parte de qualquer corpo religioso no Brasil, e principalmente de presidir qualquer celebração, por defender o regime do padroado e sempre ir contra a igreja, defendendo a monarquia (Alvarez, 2014). Desse modo, Carmelo parte em direção a Guaratinguetá.

Tomando conhecimento da condição da capela, apresentou seu projeto e o orçamento ao vigário, tesoureiro e escrivão, e ofereceu-se para ser empreiteiro, iniciando a obra em 1878. Não se sabe por qual motivo aceitaram de imediato o trabalho do cônego, mas acredita-se, de acordo com a visão de Alvarez (2014), ser pelo bom gosto do mesmo:

O homem que assinava suas cartas como “empreiteiro” era doutor em teologia, estudou filosofia e retórica, conhecia arte, tinha estudado em Roma, viajado pela Europa, importado um órgão de primeira categoria e partituras musicais para a igreja de São Paulo, e queria fazer uma igreja impressionante. Nas palavras dele “mármore finíssimo e lindamente lavrado” na capela-mor e “mármore artificial estrangeiro com todo o pavimento das naves”.

Encomendou dois púlpitos talhados em cedro e seis imagens de santos, feitos na Bahia, da melhor qualidade. Com o tempo, o dinheiro repassado a ele foi diminuindo e se viu obrigado a arcar com a obra, vendendo sua chácara no Tamanduateí em São Paulo. Além da construção da igreja em si, o padre destinou todo o material retirado da demolição da antiga capela para a construção de seis casas que serviriam de abrigo aos fiéis menos favorecidos, além de duas

salas dentro da igreja: uma para deixar expostos os ex-votos, e outra que seria destinada para a aprendizagem das crianças da redondeza.

O que criou certa ansiedade aos que tiveram acesso à obra, era o retábulo italiano feito em mármore, que demorou por volta de três anos para chegar à igreja, pois sem dinheiro para buscar o material no Rio de Janeiro, o frei precisou fazer empréstimo a um amigo favorecido de recursos.

Por conta da troca de juizes em Aparecida e dos demais componentes da Mesa administrativa, a obra parou por falta de repasse financeiro. Desta maneira, depois de muito brigar, frei Carmelo entrou com um recurso na justiça de São Paulo e após dois anos de espera (e guiando a obra em passos lentos), em 1886, ganhou a causa, recebendo todo o dinheiro devido, retomando a obra conforme esperava há 8 anos quando se iniciara.

A última e mais delicada etapa - conforme cita Alvarez (2014) - era a demolição da nave principal da igreja, levando a imagem de Aparecida a passar os próximos dois anos no altar lateral.

Então, em 24 de junho de 1888, com a presença do bispo de São Paulo, Dom Lino Deonato Rodrigues de Carvalho, e após 43 anos de reforma (desde que se iniciaram as modificações da primeira torre em 1845), a igreja de Nossa Senhora Aparecida, atual “Basílica Velha”, fora inaugurada.

De acordo com Ecos Marianos (1998), o novo templo foi entregue à mesa administrativa no início de 1888 no dia 29 de fevereiro, e os dias até o mês de junho do mesmo ano foram dedicados à festa de inauguração: “Os gastos com os festejos atingiram a soma de 25 contos de réis” (Ecos Marianos, 1998, s.p).

Dom Lino concedeu a indulgência, autorizando frei Carmelo a celebrar missas. Desse modo, agora Cônego Joaquim de Monte Carmelo, celebra a primeira missa na igreja que tanto lutou para ser erguida. Em 1899, o frei morre no mosteiro de São Bento na Bahia.

Figura 02: Cônego Joaquim de Monte Carmelo, construtor da Matriz Basílica.

Fonte: Ecos Marianos (1998, s.p)



Figura 03: Matriz Basílica, construída pelo cônego Joaquim de Monte Carmelo.

Fonte: Facebook – Aparecida Antiga (2017)



5. ESTUDO ARQUITETÔNICO E ESTÉTICO DA MATRIZ BASÍLICA DE NOSSA SENHORA APARECIDA

A igreja mantém-se com as mesmas características arquitetônicas da capela do padre Vilela, construída em 1945, o que demonstra certo conhecimento artístico e arquitetônico por parte de Dom Joaquim de Monte Carmelo, pois se não fosse pela sua sabedoria, manter certas linhas após 43 anos de reforma e construção, seria difícil e irreal. Mesmo tendo os seus mais importantes detalhes em estilo barroco, como discorre Brustoloni (1979), a igreja mantém certos detalhes clássicos, rococós, joaninos e maneiristas que foram se estabelecendo durante os longos anos de reforma.

Os alicerces das naves e da capela-mor da igreja de Dom Carmelo foram construídos com pedras, e as paredes construídas por tijolos, os batentes das janelas, portas, cantoneiras e pilares são de pedra talhada. As paredes das naves laterais possuem esculpido o ano de 1880, por ser o ano da sua conclusão. Em março de 1886, iniciou-se o revestimento interno e as obras de talha da nave central. Já um dos portais externos da capela-mor traz o ano de 1882 (Brustoloni,1979).

Em 1884, o ainda frei Carmelo, publica no *Jornal Correio paulistano* (figura 15), um artigo rebatendo as críticas que envolviam a localidade onde instalaram a imagem da Santa durante as obras (antiga nave), afirmando que estavam acabadas as capelas laterais do transepto juntamente com seus altares, o teto e o forro, as talhas douradas e os balcões das tribunas. As talhas já haviam sido encomendadas no Rio de Janeiro, e o altar de mármore com o seu respectivo retábulo também já havia terminado. Em 1886, já haviam terminado os cômodos internos, e a imagem foi levada para uma delas, onde por dois anos serviu de Santuário com entrada pelos fundos. Após a demolição da antiga nave central, começou o acabamento interno da nova nave que já havia sido construída. Contudo, colocaram

os dois púlpitos de madeira e seis nichos, do mesmo material, com as imagens encomendadas na Bahia em 1878.

Em formato de Cruz Latina, possui um nartex entre as naves e a portada, o que era comum na idade média e nos períodos posteriores, pois era um limite imposto pela igreja destinado às pessoas que não eram batizadas. Além disso, possui uma nave central e duas naves laterais: que dão acces-

so às seis capelas profundas (três do lado direito e três do lado esquerdo), em que atualmente se localizam os confessionários, as capelas do transépto, a sala do batismo, recepção e sacristia (lado esquerdo) e a capela do Santíssimo (lado direito). À frente da nave central está a capela mor, e na parte posterior à mesma localiza-se uma sacristia e um cofre. No segundo pa-

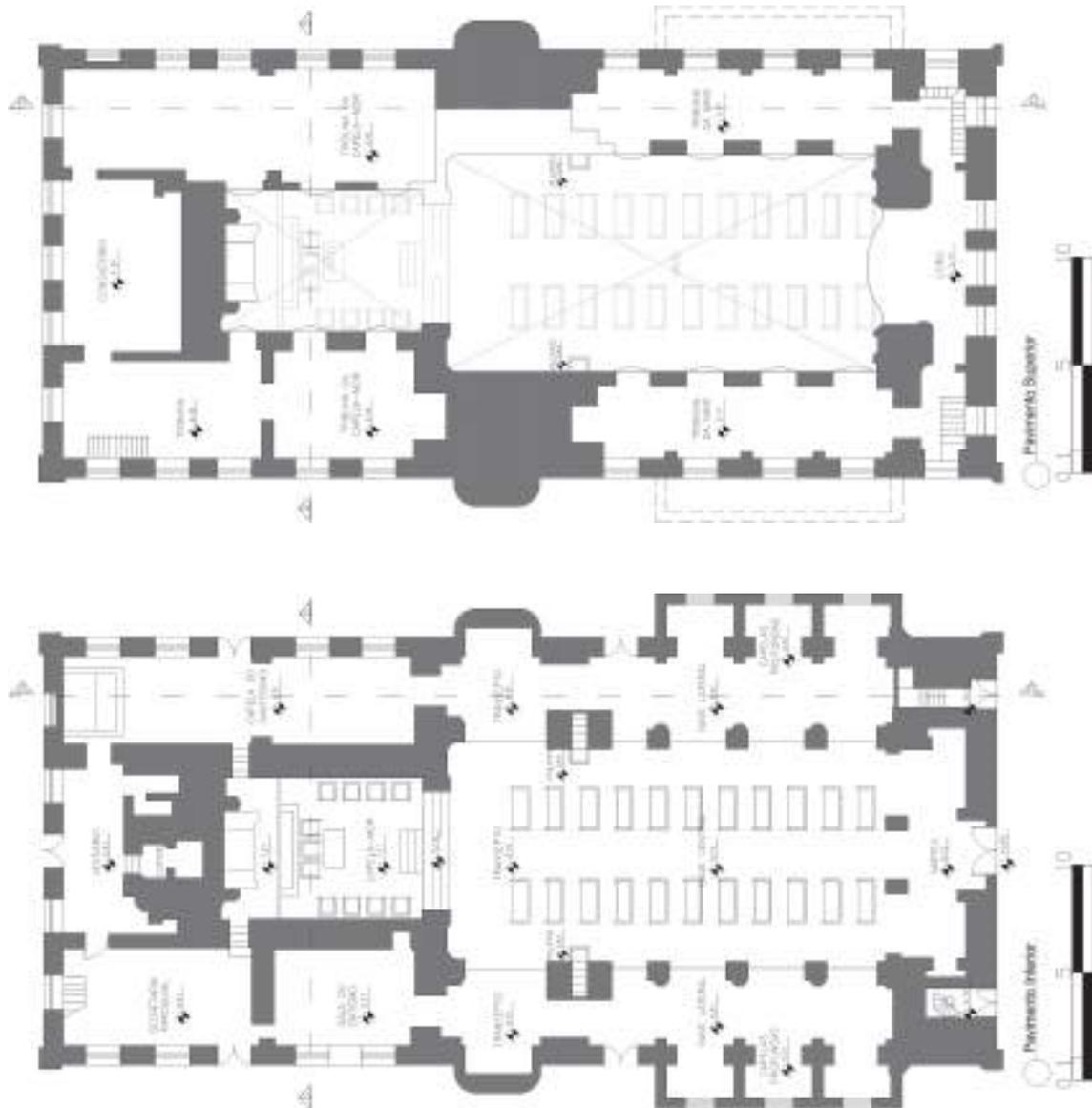


Figura 3: Planta esquemática da Matriz Basílica Velha de Nossa Senhora Aparecida
Fonte: O autor (2017)



Figura 4: Corte longitudinal esquemático da Matriz Basílica Velha de Nossa Senhora Aparecida
 Fonte: O autor (2017)



Figura 5: Corte transversal esquemático da Matriz Basílica Velha de Nossa Senhora Aparecida
 Fonte: O autor (2017)

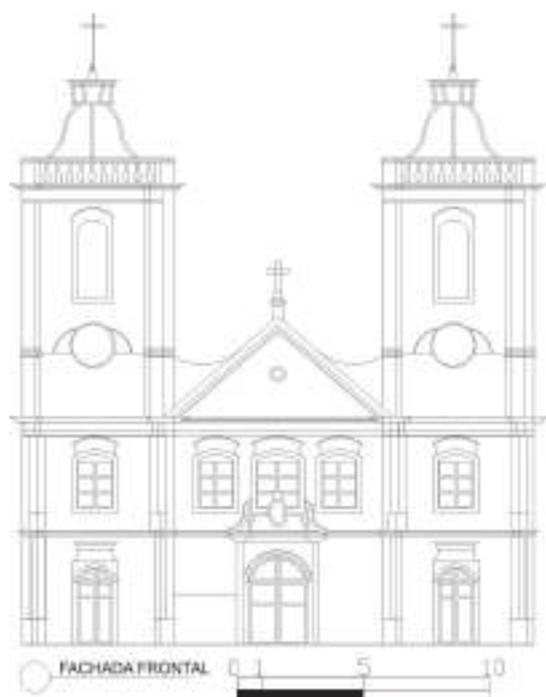


Figura 6: Fachada frontal da Matriz Basílica Velha de Nossa Senhora Aparecida
Fonte: O autor (2017)



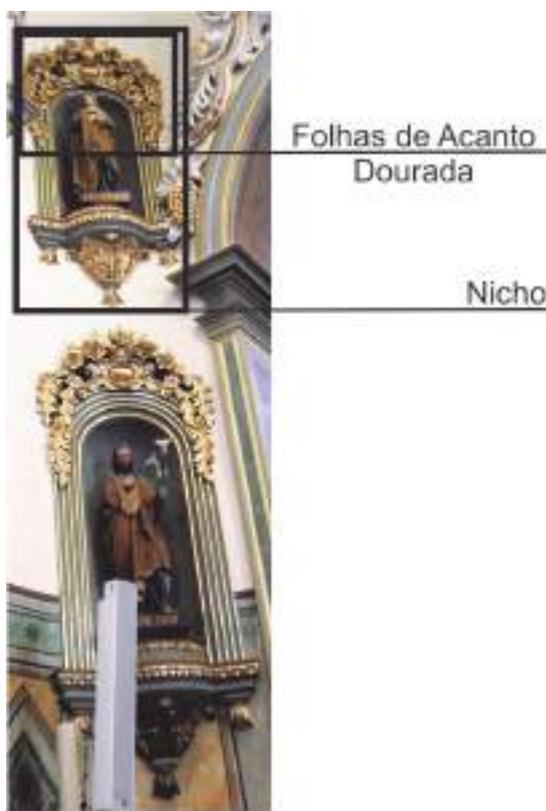
Figura 8: Croqui da Matriz Basílica Velha de Nossa Senhora Aparecida
Fonte: O autor (2017)



Figura 7: Vista lateral direita da Matriz Basílica Velha de Nossa Senhora Aparecida
Fonte: O autor (2017)

vimento, localiza-se o coro, a tribuna da nave (lado esquerdo e direito) que se interligam pelo consistório.

A capela mor é profunda e dispõe de seis lanternas localizadas no teto da abóbada de berço, com medalhões que cobrem o altar. Abaixo, a capela possui seis janelas da tribuna e uma mesa em formato de urna, seu retábulo de caráter clássico é feito em mármore de carrara italiano. O arco do cruzeiro demarca o fechamento da cena teatral, o que é usual no barroco.



Folhas de Aconto Dourada

Nicho

Nichos laterais do altar da Matriz.

O retábulo do transepto e da sala batismal é considerado rococó, o que é caracterizado pelas conchas – já a pia batismal é clássica.

Como é comum no barroco, a igreja conta com dois púlpitos: um do lado direito que era destinado à leitura da epístola, e outro no lado esquerdo para a leitura do evangelho.

O que era destinado ao evangelho tem adornos barrocos e joaninos, além de consolo, caixa e uma cobertura denominada dossel. Já o púlpito da epístola tem o mesmo consolo e caixa, mas não possui cobertura.

- Torre em Bulbo
- Óculo Central
- Janela do Campanário Estilo Pombalino
- Frontão Triangular
- Cimalha
- Sanelas Estilo Joanino
- Pilstras Estilo Clássico
- Portada Estilo Rococó



Detalhamento estético da fachada frontal da Matriz.

- Teto em Abóbada de Berço
- Lanterna
- Medalhão



Detalhes do teto da capela mor.

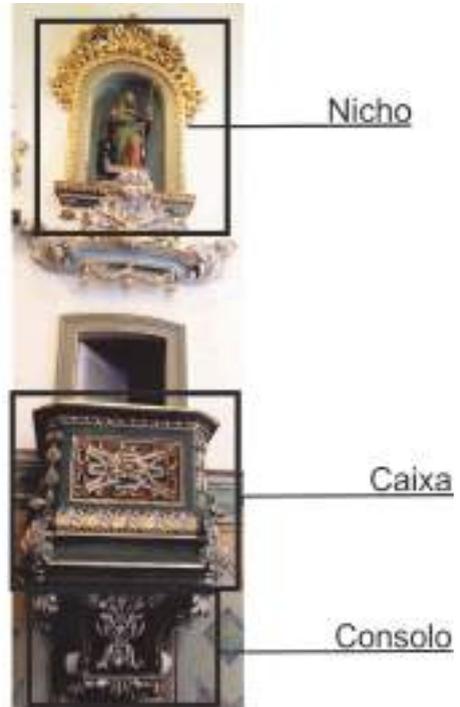


Foto tirada da capela mor de frente à porta central.



Capela do Santíssimo.



Pia batismal.



Coro da Matriz Basílica.

Figura 9: Análise estética da Matriz Basílica Velha de Nossa Senhora Aparecida.
Fonte: O autor (2017)

Nos dois lados do altar e em cima dos púlpitos existem nichos também em estilo barroco, adornados com folhas de acanto douradas no festão que cobre a parte superior dos nichos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este vigente estudo, fundamentado pela história das regiões que constituíram o cenário da aparição da imagem da Santa, apresenta o resgate da trajetória da “Basílica Velha” com o intuito de propiciar uma contemplação e valorização do templo.

Foi possível, por meio das entrevistas e pesquisas realizadas, ademais a visita à Basílica Velha de Nossa Senhora Aparecida, possibilitar o leitor a se inteirar mais acerca da riqueza artística e arquitetônica da capela, que além de contribuir para o desenvolvimento da cidade de Aparecida, ajudou a edificar a identidade religiosa do Vale do Paraíba.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTOS MANUSCRITOS:

Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida:
Rascunho da planta da Igreja Matriz Basílica feito pelo Cônego Joaquim de Monte Carmelo – 1869

INSTITUIÇÕES E ARQUIVOS

CONSULTADOS:

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA “Pe. ANTÃO JORGE – CSsR”.

CENTRO PAROQUIAL DA MATRIZ BASÍLICA VELHA DE NOSSA SENHORA APARECIDA

COMISSÃO PARA OS BENS CULTURAIS E HISTÓRICOS DA ARQUIDIOCESE DE APARECIDA.

CÚRIA METROPOLITANA DA ARQUIDIOCESE DE APARECIDA

LIVROS E REVISTAS:

ALVAREZ, Rodrigo. **Aparecida**: A biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil. São Paulo: Globo, 2014.

APARECIDA e Sua História. **Ecos Marianos**, Aparecida, n. 7, p. 31-47, 19736.

NOSSA Senhora Aparecida e sua História. **Ecos Marianos**, Aparecida, n. 46, p. 108-113, 1973.

BRUSTOLONI, Júlio. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida**: A imagem, o santuário e as romarias. 10ª ed. Aparecida: Editora Santuário, 1998.

NOSSA Senhora Aparecida: 1717 – 1929. **Ecos Marianos**, Aparecida, n.3, s.p, 1929.

SAIA, Luís. **Morada Paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

VASCONCELLOS, Sylvio. **Arquitetura no Brasil**: Sistemas Construtivos. 5ª ed. Belo Horizonte: Roma Editora LTDA, 1979.

FONTES ELETRÔNICAS:

BARONI, Larissa. **Imagem da Basílica Nova**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/01/aparecida-espera-que-visita-do-papa-francisco-bata-recorde-de-fieis.htm>> Acesso em 21 de abril de 2017.

JAGUAMIMBABA, Serra. **Roteiro do Caminho Velho em 1707**. Disponível em: <<https://sergiopiquetopolis.blogspot.com.br/2012/10/>> Acesso em: 03 de maio de 2017.

